

**UM ESTUDO LEXICAL SOBRE O CAMPO SEMÂNTICO “FAUNA” NOS
DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ**

**A LEXICAL STUDY ON THE SEMANTIC FIELD “FAUNA” IN DATA FROM
THE AMAPÁ LINGUISTIC ATLAS**

Letícia Lobo Melo¹

Lozem Carla Pontes Pereira²

Romário Duarte Sanches³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar a variação lexical referente ao campo semântico “fauna” do português falado no Estado do Amapá. A pesquisa baseia-se no campo da Dialetoлогия, ciência linguística que tem como principal objetivo identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (Cardoso, 2010), além do método Geolinguístico que auxilia no mapeamento e identificação de áreas dialetais. O trabalho segue a mesma proposta metodológica e os parâmetros adotados pelo projeto Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017), isto é, consideramos todos os 10 pontos de inquérito, conforme a densidade geográfica e historicidade de cada localidade; os 40 informantes que responderam ao questionário Semântico-lexical (QSL) (Comitê, 2001). Os dados analisados foram organizados por meio do *software* de planilhas *Excel*, transcritos foneticamente, e, em seguida, produziu-se a cartografia linguística por meio do *software* de designer gráfico *CorelDraw*. A análise foi realizada a partir de seis itens lexicais pertencentes ao campo semântico “fauna”: *bicho de fruta*; *cotó*; *galinha d’angola*; *manco*; *sanguessuga* e *úbere*. Com isso, identificamos uma diversidade de variantes lexicais frequentes, comprovando a produtividade do estudo.

Palavras-chave: Dialetoлогия; Geolinguística; Variação Lexical; ALAP.

ABSTRACT: The present work aims to analyze the lexical variation referring to the semantic field “fauna” of Portuguese spoken in the State of Amapá. The research is based on the field of Dialectology, a linguistic science whose main objective is to identify, describe and situate the different uses in which a language diversifies, according to its spatial, sociocultural and chronological distribution (Cardoso, 2010), in addition to the method Geolinguistic that helps in mapping and identifying dialect areas. The work follows the same methodological proposal and parameters adopted by the Atlas Linguístico do Amapá – ALAP project (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017), that is, we consider all 10 points of inquiry, according to the geographic density and historicity

¹ Acadêmica do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. E-mail: loboleticia333@gmail.com

² Acadêmica do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. E-mail: lorempontes13@gmail.com

³ Doutor em Letras, Universidade Estadual do Amapá (UEAP) e Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. E-mail: romario.sanches@ueap.edu.br

of each location; the 40 informants who responded to the Semantic-lexical questionnaire (QSL) (Comité, 2001). The analyzed data was organized using Excel spreadsheet software, phonetically transcribed, and then linguistic cartography was produced using CorelDraw graphic designer software. The analysis was carried out based on six lexical items belonging to the semantic field “fauna”: fruit bug; stump; guinea fowl; lame; leech and udder. With this, we identified a diversity of frequent lexical variants, proving the productivity of the study.

Keywords: Dialectology; Geolinguistics; Lexical Variation; ALAP

1. INTRODUÇÃO

Durante o ato comunicativo, as pessoas procuram escolher determinados usos lexicais para formular frases em que haja um entendimento mútuo entre os interlocutores, sejam eles do mesmo grupo ou de um corpo social diferente. Assim, ao utilizar a língua, os indivíduos deixam perceptível que a variação linguística é uma característica natural das línguas. Essas variações podem ocorrer nos diferentes níveis internos de um língua, sendo eles fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico e discursivo. Além disso, existem também níveis de variação associados aos fatores externos, tais como o diatópico, diastrático, diassexual, diageracional, diafásico, diamésico, dialingual e diarreligioso.

A língua portuguesa falada no Brasil apresenta suas próprias variedades linguísticas, que podem ser identificadas tanto por regiões quanto dentro de um mesmo Estado, visto que os falares de um povo são heterogêneos. Dessa forma, surge o Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, buscando proporcionar um conhecimento mais coerente da língua portuguesa e de suas variantes. Posteriormente, seguindo a mesma ideia, foram desenvolvidos atlas de cunho regional, como é o caso do Atlas Linguístico do Amapá

Observando os trabalhos produzidos com base no *Atlas Linguístico do Amapá - ALAP*, foi possível notar que seis itens do campo semântico-lexical *fauna* ainda não foram descritos e analisados, apenas publicados como cartas linguísticas. Destaca-se que somente os itens *libélula* (Ribeiro; Sanches, 2013), *gambá* (Sanches, 2019) e *pernilongo* (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017), do referido campo semântico, já foram analisados. Logo, viu-se a necessidade de descrever e analisar a variação lexical presente no falar amapaense a partir dos dados do ALAP, com foco nos itens *galinha*

d'angola, cotó, úbere, manco, sanguessuga e bicho de fruta, visando explorar a pluralidade lexical encontrada nos dados do ALAP.

Desta forma, este artigo está organizado em cinco seções: a primeira seção trata da introdução, a segunda apresenta os pressupostos da Dialetologia e da Geolinguística; a terceira seção aborda os aspectos metodológicos presente nesta pesquisa; a quarta seção apresenta os resultados da pesquisa, e, por fim, a última seção segue com as considerações finais e referências.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para compreender a sistematização do processo de variação e mudança linguística, há um ramo da ciência da linguagem, além da Sociolinguística, que também se ocupa desse aspecto heterogêneo, denominada de Dialetologia, comumente definida como uma área dos estudos linguísticos que busca identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica de acordo com a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (Cardoso, 2010).

Os estudos dialetais, propriamente ditos, surgem na Europa durante o século XIX a partir da necessidade, observada na época, de resgatar os dados e documentar os diferentes estágios da língua, pois a inevitável ação do tempo, que ao mesmo tempo é responsável pelas transformações e transições que a língua sofre, também ocasiona a perda desses mesmos elementos linguísticos, ao longo da história, se não forem devidamente documentados.

As primeiras diretrizes para trabalhos de tal natureza se manifestam com a pesquisa do linguista Georg Wenker acerca dos dialetos alemães. De acordo com Cardoso (2010), Wenker fez o levantamento de dados da realidade alemã a partir de uma coleta feita por correspondência em mais de 40.736 localidades, com o total de 44.251 respostas coletadas. Apesar da ausência de controle nas variáveis socioculturais dos informantes, a documentação dos fatos em diferentes regiões, com viabilidade de serem intercomparadas, foi um passo significativo para o avanço da dialetologia.

Além disso, em 1887 o francês Jules Gilliéron junto com seu colega de trabalho Edmond Edmont iniciam a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France*, através da documentação do falar de 639 localidades por meio da aplicação de um questionário previamente estruturado. Assim como Wenker, não houve controle de variáveis sociais nas cartas linguísticas de Gilliéron, o que leva Pop (1950, p.125) a

lamentar, afirmando: “É, entretanto, lamentável que nós não possamos distinguir, nas cartas do Atlas, as respostas dadas por pessoas de idade às vezes muito diferente”.

Ainda que a abordagem dada por Jules Gilliéron durante suas pesquisas tenha suas falhas, o linguista francês marca o início da aplicação do método da Geografia Linguística ou Geolinguística com rigor científico. Para Coriseu (1982, p. 103), a Geolinguística:

[...] Pressupõe o registro em mapas especiais de número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou pelo menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos estudados.

Diante desse contexto, os estudos dialetais no Brasil se iniciam também no século XIX e, atualmente, estão sistematizados em cinco fases. A primeira fase (1826-1920) tem como marco a contribuição do Visconde de Pedra Branca, ao *Atlas ethnographique du globe*, em que lhe foi solicitado conhecimento sobre as diferenças que o dialeto brasileiro poderia apresentar em comparação com a língua de Portugal.

A segunda fase (1921-1952) inicia quando Amadeu Amaral publica *O dialeto caipira* e em seguida Antenor Nascente publica *O linguajar carioca*, ambas as obras descrevem os falares regionais brasileiros. Esse período foi marcado por obras de caráter monográfico e pela ausência de trabalho de campo sistemático.

A terceira fase (1953-1996) foi marcada com o surgimento dos estudos geolinguísticos a partir do decreto 30.643, no qual designa à Comissão da Casa de Rui Barbosa a elaboração de um atlas nacional brasileiro. A partir disso, se dá início a elaboração de atlas regionais no Brasil como o *Atlas Prévio dos Falares Baiano* (Rossi et al., 1963).

A quarta fase teve início em 1996, com a implantação do projeto *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*, vai até os dias atuais. Esse momento, tem como destaque a ampliação do campo de estudo e a aplicação do método geolinguístico de forma sistematizada seguindo os instrumentos de pesquisa do Projeto ALiB. Antes do ALiB, percebe-se a constituição de atlas linguísticos regionais com foco na descrição e mapeamento de aspectos fonético-fonológicos e lexicais, atualmente, percebe-se uma propagação de atlas regionais com foco em outros aspectos como morfossintático,

pragmático-discursivo e metalinguístico, bem como o desenvolvimento de atlas de pequeno domínio (Romano, 2013).

Por fim, conforme afirma Sá (2020), a quinta fase dos estudos dialetais no Brasil começa em 2013 e se perpetua até os dias atuais. De acordo com o autor, essa fase surge da necessidade de realizar pesquisas geolinguísticas voltadas para as falas rurais e tem como principal característica os atlas produzidos em comunidades tradicionais, como em áreas indígenas e quilombolas.

2.1 O Atlas Linguístico do Amapá - ALAP

Seguindo os mesmos pressupostos teóricos-metodológicos do ALiB, o projeto ALAP teve sua criação no ano de 2010 em decorrência de um trabalho conjunto entre pesquisadores da Universidade Federal do Pará - UFPA e o grupo de pesquisa ALAP, da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Atualmente, o Projeto ALAP segue vinculado à UNIFAP, sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Celeste Ribeiro, e ao grupo de pesquisa Linguagem, Língua e Sociedade - LINLIS, da Universidade do Estado do Amapá - UEAP, sob coordenação do Prof. Dr. Romário Sanches.

O ALAP tem como objetivo descrever e mapear o português brasileiro falado em 10 localidades do Estado do Amapá, buscando evidenciar as variedades fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e discursivo-pragmáticas (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017). Além disso, o atlas serve como recurso no processo de ensino e aprendizagem da língua materna, pois ele traz evidências que caracterizam a língua no seu uso real.

Nos dias atuais, o Atlas Linguístico do Amapá pode ser entendido a partir de três frases. A primeira fase (2010-2017) é caracterizada pela coleta, análise e elaboração das cartas linguísticas, resultando, assim, na publicação do primeiro volume do ALAP, em 2017, composto por 16 cartas fonéticas, 73 cartas lexicais e 30 cartas estratificadas que tratam da variação social (sexo e faixa etária).

A segunda fase (2018-2021) pode ser identificada com as publicações de artigos, capítulos de livros, monografias e dissertações feitas a partir do primeiro volume publicado. Atualmente, o Projeto ALAP está em sua terceira fase, tendo como coordenador o Prof. Dr. Romário Sanches, e tem como suporte uma nova equipe de discentes voluntários da UEAP. No que diz respeito a essa fase, a principal tarefa é

mapear, descrever e analisar os campos semântico-lexicais pendentes, com foco na publicação do segundo volume do ALAP.

Nesse contexto, este trabalho busca contribuir para a análise do campo semântico-lexical *fauna*, no qual possui seis itens lexicais publicados no primeiro volume do ALAP, mas que não foram analisados. Estes itens são: *galinha d'angola*, *cotó*, *úbere*, *manco*, *sanguessuga* e *bicho de fruta*. A seguir, apresentamos a metodologia adotada nesta pesquisa.

3. METODOLOGIA

O Projeto Atlas Linguístico do Amapá - ALAP foi desenvolvido através do método geolinguístico, tendo como referência o Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, no qual traz nos seus procedimentos metodológicos pressupostos da Dialectologia Pluridimensional. A visão pluridimensional diz respeito à variação diatópica e diastrática, em que são consideradas as variantes idade e sexo dos falantes (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017).

Os pontos de inquérito que fazem parte de nossa pesquisa compõem a mesma rede de localidades definida pelo ALAP, de acordo com a densidade demográfica, distribuição espacial e historicidade dos municípios. Seguindo esses critérios, chegou-se a uma rede de pontos composta por dez municípios do estado do Amapá: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jari, (05) Pedra Branca do Amapari, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque.

Os dados analisados neste trabalho, foram coletados por professores e acadêmicos da Universidade Federal do Amapá, entre 2012 e 2014, em que todos passaram por um período de formação e treinamento para que pudessem realizar a referida pesquisa *in loco*. O treinamento foi feito por meio de oficinas e cursos organizados pelo Projeto ALAP, no qual os pesquisadores realizavam inquéritos experimentais e praticavam transcrições fonéticas.

A escolha dos informantes foi conduzida por meio de uma triagem cautelosa, na qual foram considerados alguns parâmetros concernentes aos estudos dialetológicos. O intuito era selecionar somente os perfis que se alinhassem com os objetivos da pesquisa. Assim, de acordo com Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p.38), os seguintes critérios deveriam ser considerados:

[...] ser natural da região linguística pesquisada, da qual não tenha se afastado por mais de um terço de sua vida; ser filho de pais brasileiros e, preferencialmente, da mesma região linguística; ter nível de instrução escolar variando de semianalfabeto ao ensino fundamental incompleto; possuir boas condições de saúde e de fonação; além de ter disponibilidade para a entrevista.

Dessa forma, o ALAP selecionou 40 informantes que participaram do estudo, eles foram distribuídos igualmente entre homens e mulheres nas dez localidades escolhidas do Amapá. A seleção dos informantes levou em consideração as variáveis sexo e idade. Em cada município, foram escolhidos quatro informantes: um informante do sexo masculino, compreendendo entre 18 e 30 anos, e uma informante do sexo feminino também com a mesma faixa etária. Além desses, foram selecionados mais dois informantes, um homem e uma mulher, com idade entre 50 e 75 anos.

Os dados foram coletados e devidamente arquivados em formato de MP3. Os áudios tiveram um recorte, a partir do início da pergunta até o fim da conversa sobre cada item lexical, com o suporte do *software Cool Edit Pro 2.1*. Em seguida foi feita a transcrição fonética, de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), e por fim foram elaboradas as cartas linguísticas a partir do *software CorelDRAW*.

As cartas lexicais publicadas no ALAP seguem um padrão específico, sendo identificadas no canto superior direito pelo número da carta, representado por uma letra que indica o domínio linguístico e o número da questão. Por exemplo, a CARTA L01 significa que é uma carta lexical, com "L" referindo-se ao domínio linguístico, e "01" à sequência dos itens lexicais. As variantes mais comuns são listadas com transcrição ortográfica, simplificando a leitura ao destacar as cinco mais recorrentes, indicadas por cores em círculos. A ordem das cores (vermelho, azul, amarelo, verde etc.) reflete a frequência das ocorrências, seguindo o sistema RGB⁴ e baseando-se no *Atlas Linguístico do Brasil*.

Destaca-se que nossa pesquisa utilizou apenas os mapas e dados provenientes das respostas às seis perguntas do questionário semântico-lexical (QSL) do campo semântico fauna, tendo em vista a necessidade de descrever os itens que não foram analisados, mas publicados em formato de cartas lexicais no primeiro volume do ALAP.

⁴ RGB é uma sistema de cores que representa a mistura aditiva de luz, em oposição ao modelo subtrativo CMYK, que descreve a combinação de pigmentos. A sigla *RGB* vem das iniciais dos nomes das cores primárias *Red* (vermelho), *Green* (verde) e *Blue* (azul). Nesse sistema, cada cor é definida pela quantidade de vermelho, verde e azul que a compõem.

Para esta pesquisa foram selecionados seis itens do campo semântico-lexical *fauna*: 17 - *galinha d'angola*; 18 - *cotó*; 20 - *úbere*; 21 - *manco*; 22 - *sanguessuga* e 24 - *bicho de fruta*. A próxima seção apresenta a descrição e análise dos itens supracitados.

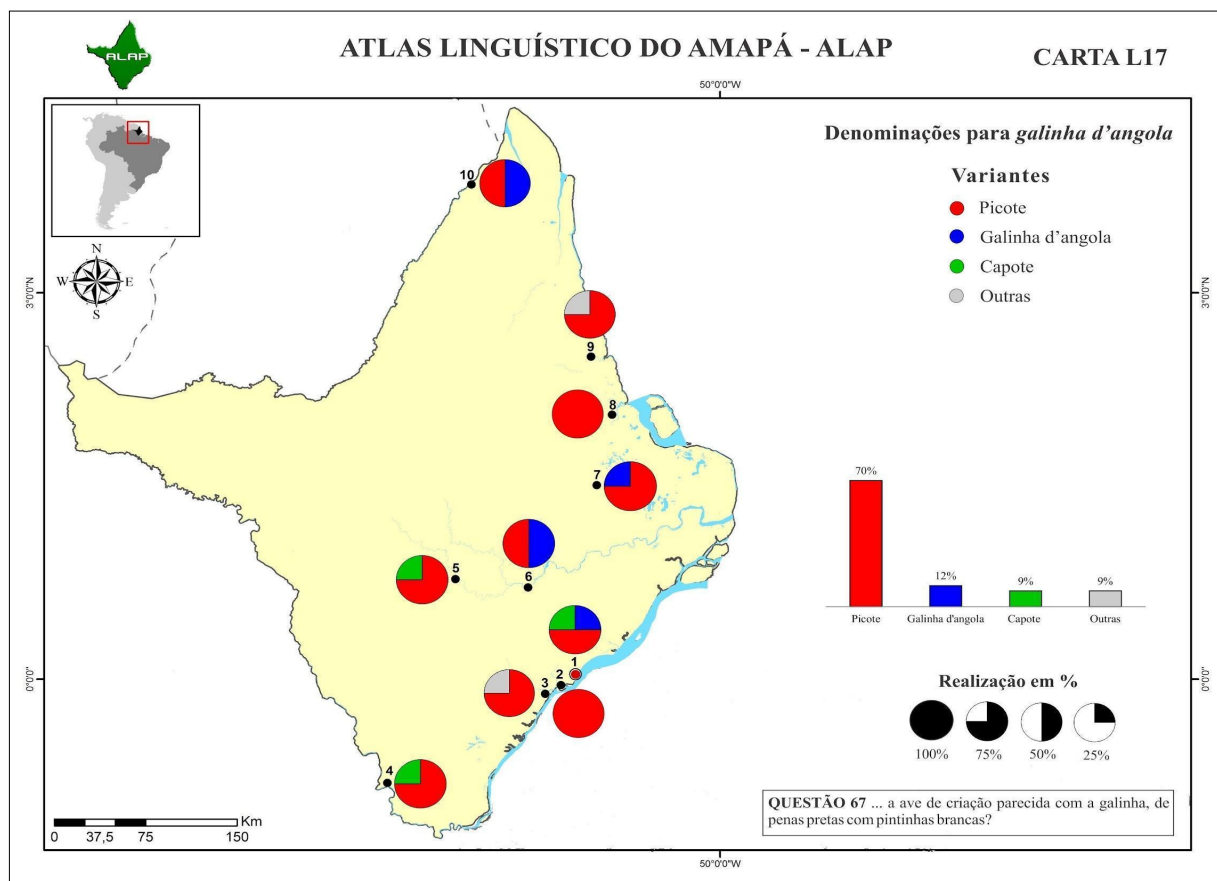
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos a seguir a variação semântico-lexical encontrada no português falado no Amapá para os itens 17 - *galinha d'angola*, 18 - *cotó*, 20 - *úbere*, 21 - *manco*, 22 - *sanguessuga* e 24 - *bicho de fruta*. Inicialmente, descrevemos a variação diatópica (geográfica) com base nas cartas lexicais do ALAP e, posteriormente, a variação diassexual (sexo) e diageracional (idade), a partir de tabelas com o número de ocorrência e frequência.

4.1 Variantes para *galinha-d'angola*

A primeira carta lexical analisada corresponde à pergunta 67 do questionário semântico-lexical do ALAP que procura saber “como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?”. Assim, foram obtidas as seguintes respostas: *picote*, *galinha-d'angola* e *capote*, totalizando 3 variantes lexicais frequentes, conforme apresenta a Figura 1.

Figura 1: Denominações para *galinha d'angola*



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 106).

Sobre a variação diatópica, identificamos que a variante *picote* ocorreu em todas as localidades, somando 70% de ocorrência; seguida de *galinha d'angola* que ocorreu nos pontos 1 (Macapá), 6 (Porto Grande), 7 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque), totalizando 12% de frequência; já *capote* foi mencionado nos pontos 1 (Macapá), 4 (Laranjal do Jari) e 5 (Pedra Branca do Amapari) com total de 9%. Destacamos também o registro de *outras variantes* (*gajé*, *nupim* e *nhambu*⁵) com total de 9%.

Tabela 1: Variação diasssexual para *galinha d'angola*

Variantes	Homem		Mulher	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Picote	13	52%	12	48%
Galinha d'angola	3	60%	2	40%
Capote	1	33%	2	67%

Fonte: Elaborado pelos autores.

⁵ Por questões metodológicas, o ALAP adotou a cor cinza para indicar “*outras*” variantes ou respostas. Neste caso, trata-se de nomeações dadas ao referente em que obteve baixa frequência e/ou pela imprecisão da resposta dada, podendo ou não ser categorizada como uma variante lexical.

Na Tabela 1, a variante *picote* apareceu com 52% na fala dos homens e 48% na fala das mulheres; *galinha d'angola* com 60% na fala dos homens e 40% na fala das mulheres; *capote* registrou 33% de ocorrência para homens e 67% para mulheres. É possível notar que as variantes para *galinha d'angola* não apresentaram diferença significativa quanto ao sexo dos informantes.

Tabela 2: Variação diageracional para *galinha d'angola*

Variantes	Grupo A		Grupo B	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Picote	8	33%	16	67%
Galinha d'angola	4	80%	1	20%
Capote	1	33%	2	67%

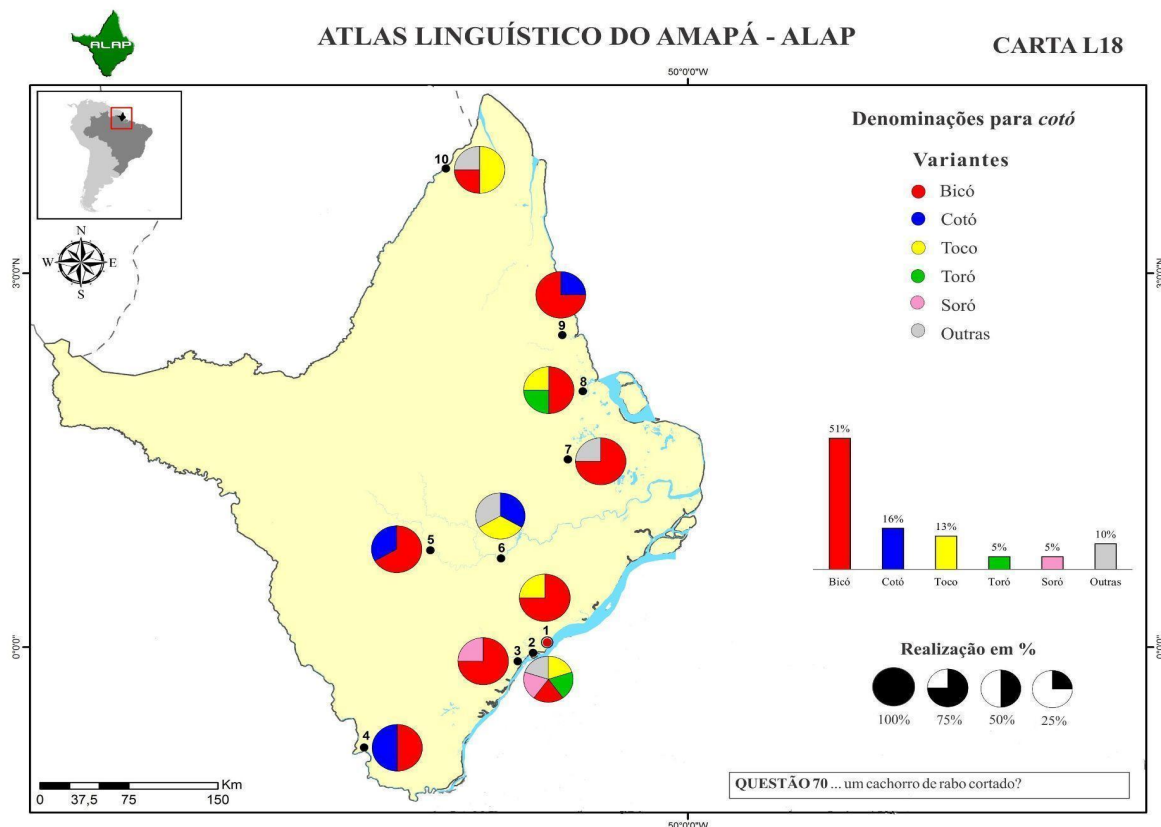
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 2, entretanto, há uma assimetria quanto ao uso das variantes, o que evidencia a variação diageracional, uma vez que a variante *picote* apareceu com 33% na fala dos informantes da primeira faixa etária (Grupo A) e 67% na fala dos informantes da segunda faixa etária (Grupo B); *galinha d'angola* com 80% na fala do Grupo A e 20% na fala do Grupo B; *capote* com 33% de ocorrência para o Grupo A e 67% para o Grupo B.

4.2 Variantes para *cotó*

A segunda carta linguística analisada corresponde à pergunta 70 que faz a seguinte indagação: “como se chama para um cachorro de rabo cortado?”. Foram obtidas as seguintes respostas: *bicó*, *cotó*, *toco*, *toró*; *soró*, e *outros*, totalizando 5 variantes lexicais mais frequentes, como ilustra a Figura 2.

Figura 2: Denominações para *cotó*



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 108).

Quanto à variação diatópica, identificamos que a variante *bicó*, que soma 51% das ocorrências, fez-se presente em todos os municípios investigados, com exceção de Porto Grande; seguida por *cotó*, com 16%, que ocorreu nos seguintes pontos de inquérito: 4 (Laranjal do Jari), 5 (Pedra Branca do Amapari), 6 (Porto Grande) e 9 (Calçoene); a variante *toco*, com 13%, ocorreu nos pontos 1 (Macapá), 2 (Santana), 6 (Porto Grande), 8 (Amapá) e 10 (Oiapoque); *toró* foi mencionado nos pontos 2 (Santana) e 8 (Amapá), enquanto *soró* ocorreu nos pontos 2 (Santana) e 3 (Mazagão), cada uma das variantes totaliza 5% das respostas, vale destacar que essa variante só foi registrada na zona sul do estado. O registro de *outras variantes* (*toquinho*, *sem rabinho*, *rabicó*, *rabo cortado* e *toquinho de rabo*) soma 10%.

Tabela 3: Variação diasssexual para *cotó*

Variantes	Homem		Mulher	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Bicó	9	45%	11	55%
Cotó	4	67%	2	33%

Toco	3	75%	1	25%
Soró	1	50%	1	50%
Toró	0	0%	2	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 3, a variante *bicó* registrou 45% na fala dos homens e 55% na fala das mulheres; *cotó* com 67% na fala dos homens e 33% na fala das mulheres; *toco* registrou 75% de ocorrência para homens e 25% para mulheres; para a variante *soró* a incidência de ocorrência foi a mesma, com 50% para cada, a variante *toró*, entretanto, registrou ocorrência apenas para mulheres. É perceptível que as variantes *toco* e *toró* apresentaram diferença significativa quanto à variação diassexual.

Tabela 4: Variação diageracional para *cotó*

Variantes	Grupo A		Grupo B	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Bicó	6	30%	14	70%
Cotó	4	67%	2	33%
Toco	1	25%	3	75%
Soró	1	50%	1	50%
Toró	2	100%	0	0%

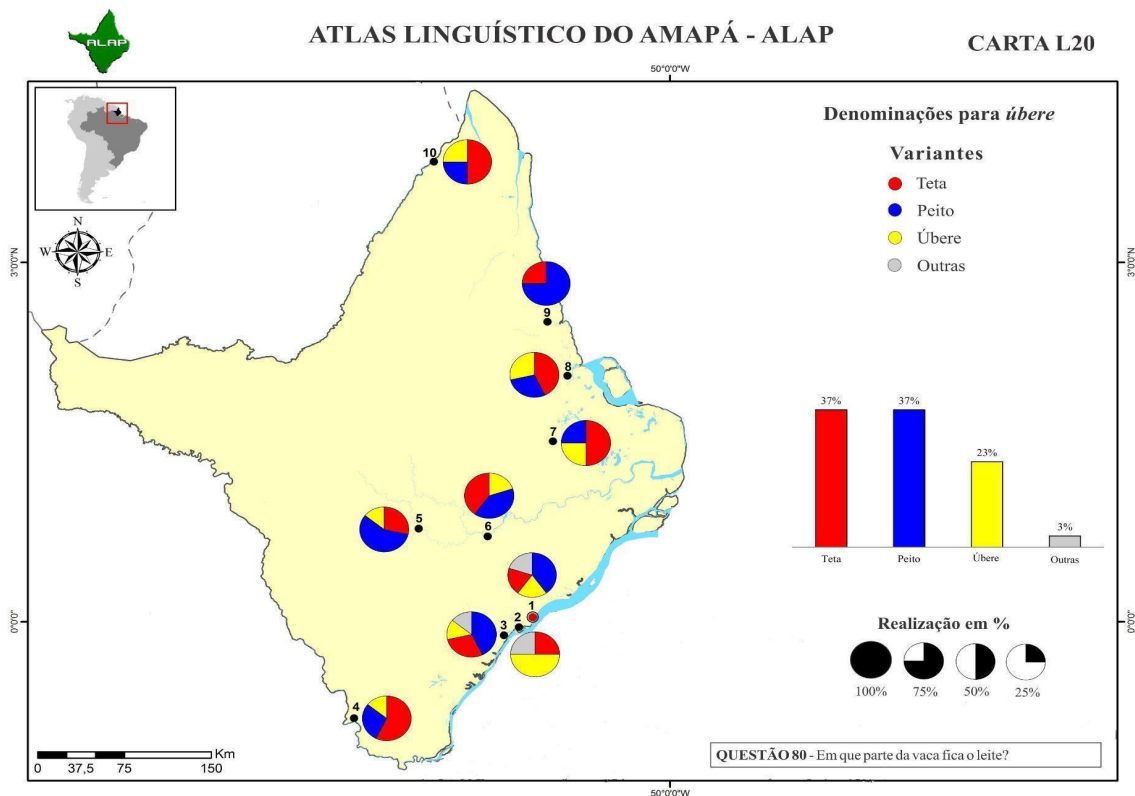
Fonte: Elaborado pelos autores.

A Tabela 4 evidencia certo condicionamento da variável faixa etária, pois, a variante *bicó* apresentou expressiva diferença entre as respostas dos informantes, com 30% para o Grupo A e 70% para o Grupo B; *cotó* registrou 67% de ocorrência na fala do Grupo A e 33% na fala do Grupo B; *toco*, com 33% de ocorrência para o Grupo A e 67% para o Grupo B, *soró* registrou ocorrência 50% para cada grupo etário, *toró* registrou 100% de ocorrências no Grupo A.

4.3 Variantes para *úbere*

A terceira carta linguística corresponde à pergunta 80 que busca saber: “Em que parte da vaca fica o leite?”. Com isso, foram obtidas as seguintes respostas: *teta*, *peito* e *úbere*.

Figura 3: Denominações para *úbere*



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 112).

Com base na Figura 3, em relação à variação diatópica, registra-se *teta* e *peito* com 37% de ocorrência cada, onde *teta* ocorreu em todos os municípios, enquanto *peito* não registrou ocorrência em apenas uma localidade, ponto 2 (Santana); seguido por *úbere* com 23%, que ocorreu em nove dos dez pontos de inquérito, o ponto 9 (Calçoene) foi a exceção; destacamos também *outras ocorrências* (*mojo, seio e maminha*) que totalizam 3% das ocorrências totais. Percebe-se que a distribuição das variantes com maior ocorrência foi equivalente, com exceção do município de Calçoene, o único a apresentar apenas 2 variantes.

Tabela 5: Variação diasssexual para *úbere*

Variantes	Homem		Mulher	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Peito	12	57%	9	43%
Teta	12	57%	9	43%
Úbere	7	54%	6	46%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 5, pode-se observar que as variantes *peito* e *teta* apresentaram resultado similar, ambas com 57% na fala dos homens e 43% na fala das mulheres; *úbere* apresentou ocorrência de 54% na fala dos homens e 46% na fala das mulheres.

Tabela 6: Variação diageracional para *úbere*

Variantes	Grupo A		Grupo B	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Peito	12	57%	9	43%
Teta	13	62%	8	38%
Úbere	4	31%	9	69%

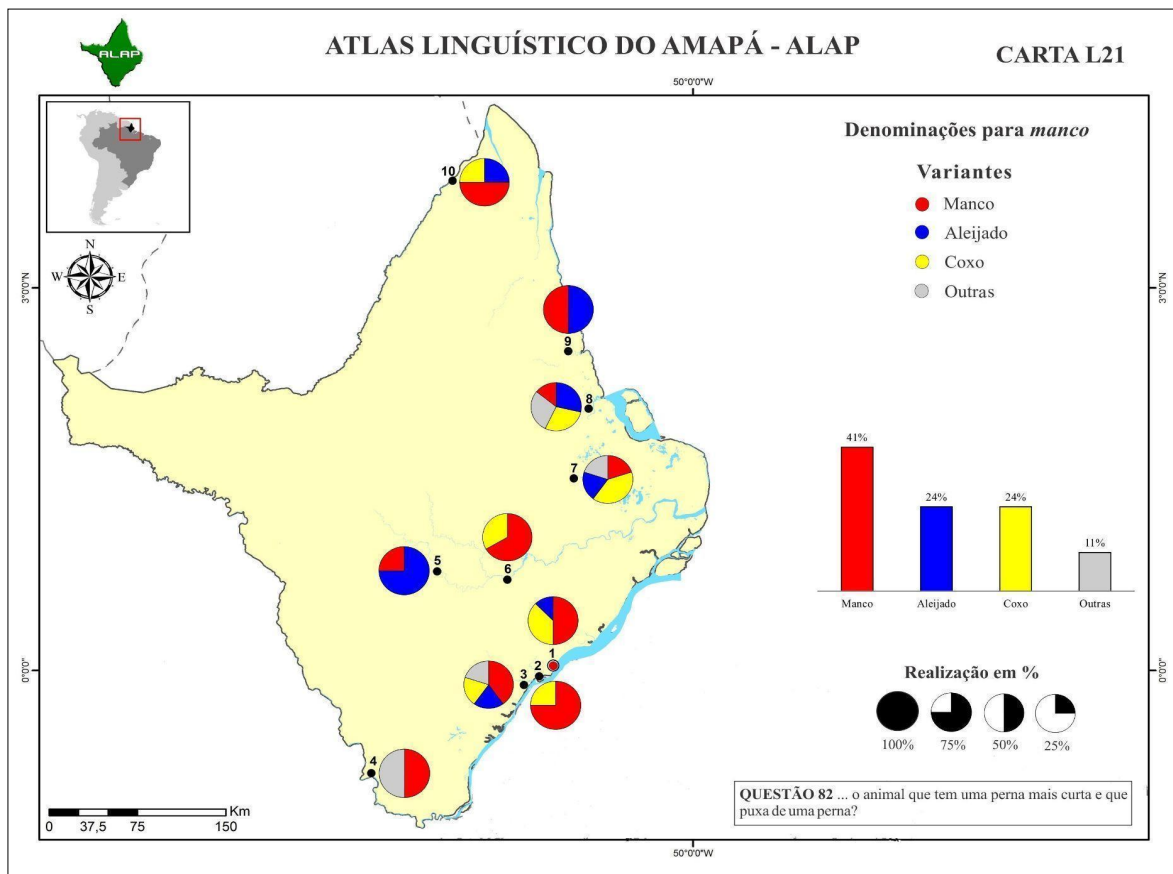
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 6 a variação diageracional foi evidenciada, uma vez que a variante *peito* apresentou 30% para o Grupo A e 70% para o Grupo B; *teta* registrou 62% de ocorrência na fala do Grupo A e 38% na fala do Grupo B, o item *úbere* apresentou 31% de ocorrência para o Grupo A e 69% para o Grupo B, o que confirma que a variante *úbere*, por exemplo, é mais utilizada por pessoas do Grupo B.

4.4 Variantes para *manco*

A quarta carta linguística corresponde à pergunta 82 do questionário semântico-lexical do ALAP que indaga sobre “o animal que tem uma perna mais curta e puxa de uma perna”. Para essa pergunta foram obtidas as seguintes respostas: *manco*, *aleijado*, *coxo* e *outras*.

Figura 4: Denominações para *manco*



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 114).

Sobre a variação diatópica, *manco* ocorreu com 41% e está presente em todos os municípios; seguido de *aleijado*, que soma 24% e ocorreu em sete dos dez pontos de inquérito, sendo as exceções os pontos 2 (Santana), 4 (Laranjal do Jari) e 6 (Porto Grande); *coxo* também obteve 24% das ocorrências e não ocorreu nos pontos 4 (Laranjal do Jari), 5 (Pedra Branca do Amapari) e 9 (Calçoene); *outras* ocorrências (*capenga*, *defeituoso*, *deficiente* e *perna quebrada*) somam 11%. Os municípios de Santana e Porto Grande foram os únicos onde registrou-se apenas as variantes *manco* e *coxo*.

Tabela 7: Variação diasssexual para *manco*

Variantes	Homem		Mulher	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Manco	7	37%	12	63%
Aleijado	8	73%	3	27%
Coxo	6	55%	5	45%

Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com a Tabela 7, a variante *manco* registrou 37% na fala dos homens e 63% na fala das mulheres; *aleijado* com 73% na fala dos homens e 27% na fala das mulheres; *coxo* registrou 55% de ocorrência para homens e 45% para mulheres. É perceptível que as variantes *manco* e *aleijado* apresentaram diferença significativa quanto à variação devido ao sexo dos informantes.

Tabela 8: Variação diageracional para *manco*

Variantes	Grupo A		Grupo B	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Manco	13	68%	6	32%
Aleijado	7	64%	4	36%
Coxo	1	1%	10	99%

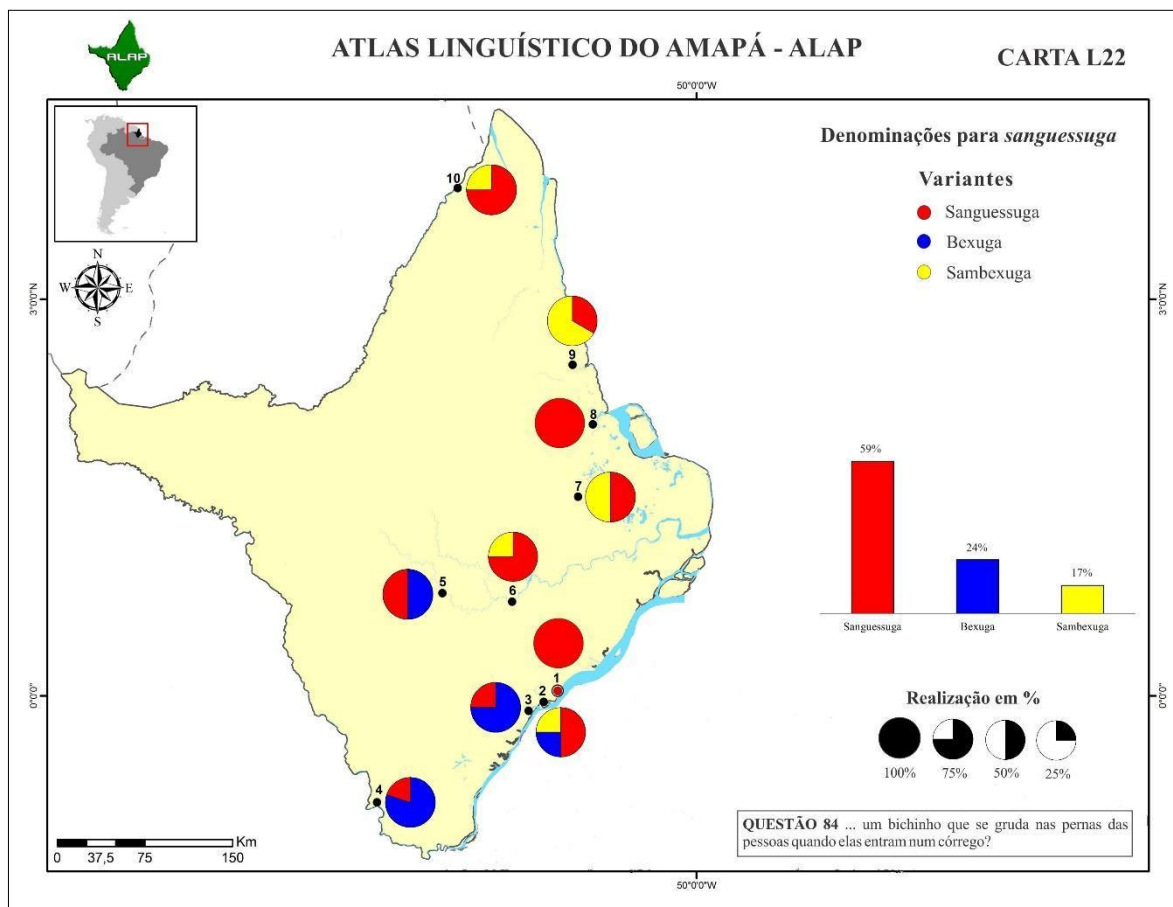
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 8 apresenta a variação diageracional para a variante *manco* que apresentou assimetria entre as respostas dos informantes, com 68% para o Grupo A e 32% para o Grupo B; *aleijado* registrou 64% de ocorrência na fala do Grupo A e 36% na fala do Grupo B; *coxo*, com apenas 1% de ocorrência para o Grupo A e 99% para o Grupo B. Logo, *coxo* foi a variante que apresentou disparidade mais expressiva, acentuando a variação diageracional.

4.5 Variantes para *sanguessuga*

A quinta carta linguística corresponde à pergunta 84 que busca saber como os informantes chamam para “um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego?”. As respostas registradas foram: *sanguessuga*, *bexuga* e *sambexuga*.

Figura 5: Denominações para *sanguessuga*



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 116).

Quanto à variação diatópica, de acordo com a Figura 5, a variante *sanguessuga* lidera, com 59% das ocorrências, estando presente nas respostas coletadas em todos os pontos de inquérito; seguida de *bexuga*, com 24%, presente nos pontos 2 (Santana), 3 (Mazagão), 4 (Laranjal do Jari) e 5 (Pedra Branca do Amapari), portanto, a variante foi encontrada apenas na zona sul do estado; logo em seguida obtivemos *sambexuga* com 17%, ocorrendo nos pontos 2 (Santana), 6 (Porto Grande), 7 (Tartarugalzinho), 9 (Calçoene) e 10 (Oiapoque).

Tabela 9: Variação diasssexual para *sanguessuga*

Variantes	Homem		Mulher	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Sanguessuga	11	46%	13	54%
Bexuga	6	60%	4	40%
Sambexuga	4	57%	3	43%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 9, a variante *sanguessuga* registrou 46% de ocorrência na fala dos homens e 54% na fala das mulheres; *bexuga* com 60% na fala dos homens e 40% na fala das mulheres; *sambexuga* registrou 57% de ocorrência para homens e 43% para mulheres. Com isso, é perceptível que as variantes não apresentaram diferença significativa quanto à variação devido ao sexo dos informantes.

Tabela 10: Variação diageracional para *sanguessuga*

Variantes	Grupo A		Grupo B	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Sanguessuga	14	58%	10	42%
Bexuga	5	50%	5	50%
Sambexuga	1	14%	6	76%

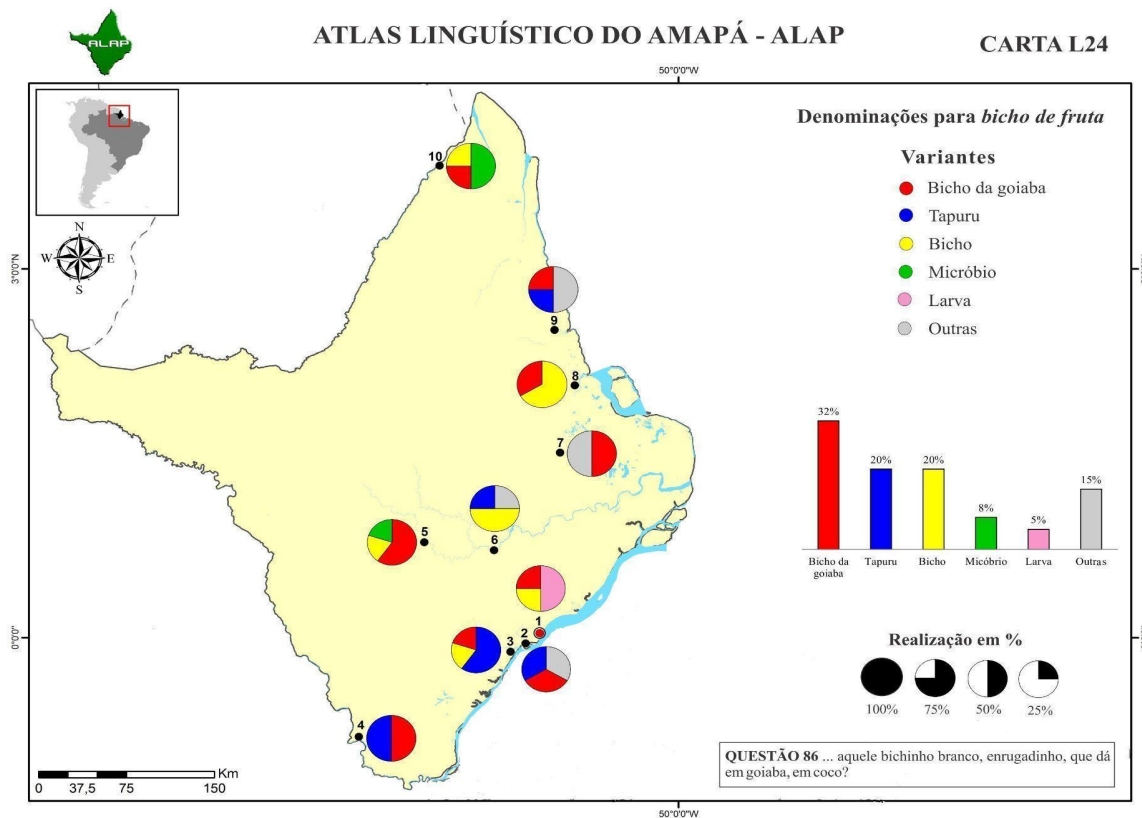
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 10, nota-se que os itens *sanguessuga* e *bexuga* não apresentam variação condicionada pela idade dos informantes, entretanto, *sambexuga* mostra certo condicionamento, pois apresentou 14% de ocorrência no Grupo A e 76% no Grupo B.

4.6 Variantes para *Bicho de Fruta*

A sexta carta linguística corresponde à pergunta 86 que questiona como os informantes nomeiam “aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco”. As respostas mais frequentes foram: *bicho da goiaba*, *tapuru*, *bicho*, *micróbio* e *larva*.

Figura 6: Denominações para *bicho de fruta*



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 120).

Sobre a variação diatópica, conforme Figura 6, *bicho da goiaba* apareceu com 32% de ocorrência, presente em todos os pontos de inquérito, com exceção do ponto 6 (Porto Grande); em seguida *tapuru*, que soma 20% das ocorrências, ocorreu nos pontos 2 (Santana), 3 (Mazagão), 4 (Laranjal do Jari), 6 (Porto Grande) e 9 (Calçoene); *bicho* ocorreu em seis dos dez pontos de inquérito, sendo os pontos 2 (Santana), 4 (Laranjal do Jari), 7 (Tartarugalzinho) e 9 (Calçoene) as exceções, totalizando 20%; *micróbio*, com 8%, ocorreu apenas nos pontos 5 (Pedra Branca do Amapari) e 10 (Oiapoque); *larva*, com 5%, ocorreu apenas no ponto 1 (Macapá); *outras* ocorrências (*bicho de fruta*, *bicho de mosca*, *filho de mosca*, *lagarto* e *туру*) somam 15%. É possível notar que apenas a capital do estado, Macapá, apresentou a presença da variante *larva*.

Tabela 11: Variação diasssexual para *bicho de fruta*

Variantes	Homem		Mulher	
	Ocor.	%	Ocor.	%

Bicho da goiaba	7	54%	6	46%
Tapuru	2	25%	6	75%
Bicho	4	50%	4	50%
Micróbio	1	33%	2	67%
Larva	1	50%	1	50%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 11, a variante *bicho da goiaba* registrou 54% de ocorrência na fala dos homens e 46% na fala das mulheres; *tapuru* com 25% na fala dos homens e 75% na fala das mulheres, evidenciando que a variante está mais presente na fala de mulheres; *bicho* registrou ocorrência similar entre homens e mulheres, com 50% cada; para a variante *micróbio* a ocorrência foi de 33% para homens e 67% para mulheres, enquanto *larva* obteve 50% para homens e 50% para mulheres.

Tabela 12: Variação diageracional para *bicho de fruta*

Variantes	Grupo A		Grupo B	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Bicho da goiaba	4	31%	9	69%
Tapuru	4	50%	4	50%
Bicho	5	62%	3	38%
Micróbio	3	100%	0	0%
Larva	2	100%	0	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 12, as ocorrências de algumas variantes evidenciam mais uma vez a variação diageracional. A variante *bicho da goiaba* apresentou expressiva diferença entre as respostas dos informantes, com 31% para o Grupo A e 69% para o Grupo B; *tapuru* registrou 50% de ocorrência para ambos os grupos etários; *bicho*, com 62% de ocorrência para o Grupo A e 38% para o Grupo B, *micróbio* e *larva* registraram ocorrência apenas na fala de mulheres.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou evidenciar a variação lexical contida nos mapas do Atlas Linguístico do Amapá, através da análise e descrição das denominações referentes ao campo semântico-lexical *fauna*, visando apresentar uma amostra da diversidade da língua portuguesa falada no Estado do Amapá.

Na análise dos mapas lexicais, identificamos que todos os itens, com exceção de *manco* e *sanguessuga*, apresentaram predominância lexical diferente das respostas indicadas no questionário semântico-lexical aplicado, isto é, a fala de amapaenses no campo semântico *fauna* não segue a resposta esperada, ou seja, a variante que denomina a carta lexical. Os dados do ALAP mostraram alto índice de variantes que foram menos frequentes, mas que caracterizam a diversidade linguística presente na fala dos amapaenses, por exemplo, a carta 24 - *bicho da goiaba* que, além das cinco principais variantes, apresentou mais cinco variantes menos frequentes: *bicho de fruta*, *bicho de mosca*, *filho de mosca*, *lagarto* e *туру*.

As cartas que mais apresentaram variantes lexicais foram: 18 - *cotó* (*bicó*, *cotó*, *toco*, *toró*, *soró*) e 24 - *bicho de fruta* (*bicho da goiaba*, *tapuru*, *bicho*, *micróbio*, *larva*). Destacando a carta 17 - *galinha d'angola*, foi possível observar a ausência de variação diasssexual, enquanto a variação diageracional se fez presente na fala de informantes mais velhos utilizando a variante *picote*. A carta 18 - *cotó* apresenta dados que não indicam variação diasssexual, entretanto, a diageracional foi evidenciada pelo alto índice da variante *bicó* na fala de informantes pertencentes ao Grupo B (50-75 anos). Analisando a carta 20 - *úbere* foi possível notar a presença da variação diageracional, pois os informantes mais jovens tendem a usar primordialmente a variante *teta*, enquanto *peito* e *úbere* são as variantes utilizadas pelos entrevistados mais velhos. Em relação à carta 21 - *manco*, considerando a variação diasssexual, *manco* foi a variante predominante na fala das mulheres e *aleijado* teve predominância na fala dos homens. Observando a dimensão diageracional, *coxo* se mostrou a variante predominante na fala dos mais velhos, enquanto *manco* predominou na fala dos mais jovens. Quanto à carta 22 - *sanguessuga*, considerando a variação diasssexual, esta variável foi quase nula, já a variação diageracional foi evidenciada principalmente pelo uso da variante *sambexuga*, presente na fala dos informantes mais velhos. A carta 24 - *bicho de fruta* evidencia a variação diasssexual, uma vez que *tapuru* foi a variante predominante entre mulheres, para os homens a principal variante foi *bicho da goiaba*, enquanto a variação diageracional foi evidenciada por meio do uso da variante *bicho da goiaba* entre os mais velhos.

Em suma, visto que a língua é um sistema vivo e dinâmico que se modifica constantemente, esta pesquisa de natureza dialetal decerto terá continuidade. Ademais, esperamos que o trabalho possa auxiliar em novos projetos de pesquisa com foco na

descrição dialetal, além de amparar estudos posteriores que visem mapear o falar dos amapaenses.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CORISEU, E. **O homem e sua linguagem**: estudos de teoria e metodologia linguística. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: EDUSP, 1982.

POP, Sever. **La dialectologie**. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques, vol. 1 e 2. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **O projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)**: caminhos percorridos e estágio atual. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 61, p. 303-317, 2017.

ROMANO, V. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretexto*, Londrina, v.13, nº 02, p.203 - 242, jul./dez. 2013.

ROSSI, N. *et al.* **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro, 1963.

SÁ, E. J. de. Geolinguistic studies in Brazil in five phases: From the Viscount of Pedra Branca to the atlases of traditional communities' speech. *Journal of Humanities and Education Development*. v. 2, n. 5, p. 338-349. Setp/oct., 2020.

SANCHES, R. Gambá ou mucura? Como falam os amapaenses. *In*: RAZKY, A.; LIMA, A.; OLIVEIRA, M.; SALVADOR, C.; SANCHES, R. (Org.). **Variação e diversidade linguística**. Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2019, p. 19-28.

SANCHES, R.; RIBEIRO, C. Variação lexical para libélula no Atlas Linguístico do Amapá. *Revista Sociodialecto*, v.4, p. 435-449, 2013.